

**A RECOMPOSIÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO SEGUNDO  
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE PRÁTICAS  
ANTIRRACISTAS COM O AUXÍLIO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA  
EDUCAÇÃO**

THE RECOMPOSITION OF THE LITERACY PROCESS IN THE SECOND SEGMENT  
OF ELEMENTARY EDUCATION THROUGH ANTI-RACIST PRACTICES WITH THE  
AID OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN LITERACY

LA RECOMPOSICIÓN DEL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN EM EL SEGUNDO  
SEGMENTO DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL A TRAVÉS DE PRÁCTICAS  
ANTIRRACISTAS COM LA AYUDA DE LAS TECNOLOGIAS DIGITALES EM LA  
EDUCACION

Marcela F. F. Marques

<https://orcid.org/0000-0002-8870-9537>

Universidade UniCarioca, Brasil  
[geomarcela@hotmail.com](mailto:geomarcela@hotmail.com)

Verônica Eloi de Almeida

<https://orcid.org/0000-0003-4694-8617>

Universidade UniCarioca, Brasil  
[veronicaeloi@hotmail.com](mailto:veronicaeloi@hotmail.com)

Rosa Lidice Valim

<https://orcid.org/0000-0001-7190-3635>

Universidade UniCarioca, Brasil  
[rvalim@unicarioca.edu.br](mailto:rvalim@unicarioca.edu.br)

**Resumo**

A proposta deste artigo é abordar a alfabetização com práticas antirracistas, cujo questionamento a respeito de como trabalhar a alfabetização de maneira mais inclusiva e atraente junto aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental em turmas de recomposição de escolaridade. Acredita-se que o processo de alfabetização de alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental em turmas de recomposição de aprendizagem, bastante afetadas pela pandemia de COVID-19, se balizado por materiais lúdicos e jogos analógicos sustentados por práticas antirracistas, pode promover aprendizagem com muito mais eficiência, visto que seria mais inclusivo e representativo. Este trabalho demonstrou que promover saberes plurais viabiliza o combate ao racismo estrutural, ampliando discussões sobre o racismo e suas diversas manifestações sociais. A ideia é que esta sequência didática seja inserida nas aulas das turmas de recomposição de aprendizagem de forma a auxiliar no processo de ensino e dinamizá-lo. Pode-se, então, a partir do desenvolvimento deste artigo, verificar a importância de investir na alfabetização através dos instrumentos disponíveis, em situações em que as comunidades escolares dispõem de poucos recursos, bem como utilizar da melhor forma possível as ferramentas digitais de livre acesso.

**Palavras-chave:** Alfabetização com práticas antirracistas; Recomposição na alfabetização; Tecnologias digitais na educação.

**Abstract**

This Master Thesis proposes that Literacy with anti-racist practices represents the theme of this study named "The recomposing of literacy process in Middle School by using anti-racist practices with the use of ICT in Education." This research asks (problems) how to work with literacy more inclusively and attractively with students from Middle School in catch-up classrooms. It believes that (hypothesis) the literacy process of students in Middle School in catch-up classrooms, which were highly affected by the

COVID-19 pandemic, if supported by playful materials and analogical games, supported by anti-racist practices, can promote a much more efficient literacy since it would be much more inclusive and representative. According to the 2022 School Census, conducted by the Municipality of Rio de Janeiro, 89% of the students in this segment of Education are black or mulatto. So, to work on literacy through anti-racist practices is to work on literacy with inclusion, respect, and representativeness. This thesis aims (general objective) to work the literacy process of young people in Middle School in catch-up classrooms, with analogical games and ludic materials that stimulate anti-racist practices and to collect data the methodology of bibliographic research uses, as well as the approach of the experience report (standardized by circular letter 166/2018, from the National Health Council (CNS, 2018), in addition, we will work respecting the ethical precept proposed by Resolution 510 of April 7, 2016, of the National Health Council (CNS, 2016) and with the model proposed by Mussi Et Al (2021), which suggests that the report splits into stages, namely: "dialogue between the report and the literature" and "comments about the information in the report" and "analysis of the information in the case report" and "difficulties" and "potentialities". The information systematized during the case report compares with the information in the theoretical framework and consolidates conceptual frameworks associated with analysis categories, which underpin the data analysis. This study has shown that promoting plural knowledge makes it possible to fight against structural racism, expanding discussions about racism and its various social manifestations. So the idea is that this didactic sequence be inserted in the classes of Middle School in catch-up classrooms to help in the teaching process and make it more dynamic it is possible, then, from the development of this dissertation, to verify the importance of investing in literacy through the tools available in situations where school communities deal with few resources, as well as to make the best use of digital tools, since they are of free access, even to the poorest.

**Keywords:** Literacy with Anti-Racist Practices; Catch-up Classrooms; Literacy Process; Anti-Racist Practices with the ICT in Education.

### Resumen

Este artículo propone abordar que la alfabetización con prácticas antirracistas representan el tema de la investigación titulada como "La recomposición del procedimiento de alfabetización en su segundo tramo de la Escuela Primaria a través de prácticas antirracistas con el apoyo de las Tecnologías Digitales en la Educación" cuyo cuestionamiento (problema) se trata sobre como trabajar la alfabetización de forma más inclusiva e interesante con los alumnos del segundo tramo de la Escuela Primaria en clases de recomposición escolar. Se supone (hipótesis) que el proceso de alfabetización de alumnos del segundo tramo de la Escuela Primaria en clases de recomposición de aprendizajes, fue bastante afectada por la pandemia del covid-19, el cual, si se dinamiza con materiales lúdicos y juegos analógicos apoyados por las practicas antirracistas, pudiendo promocionar una alfabetización con muchísima eficiencia, teniendo en cuenta que seria más inclusiva y representativa. Este trabajo demostró que promocionar conocimientos plurales promueven el combate al racismo estructural, ampliando debates sobre el racismo y sus diversificadas manifestaciones sociales. Pues, la idea es que su secuencia didáctica esté inserida en las clases de recomposición de aprendizaje de manera en que ayude en su tramo de enseñanza y dinamizarlo. Se puede entonces, a partir del desarrollo de esta disertación, probar la importancia de invertir en la alfabetización a través de los instrumentos disponibles en situaciones en las cuales las comunidades escolares lidan con pocos recursos, así como hacer el mejor uso con sus herramientas digitales que se obtienen de libre acceso, incluyendo a los más desfavorecidos económicamente.

**Palabras clave:** Alfabetización con Prácticas Antirracistas; Recomposición en la Alfabetización; Tecnologías digitales en la educación.

## 1. Introdução

Este artigo debruça-se sobre o tema do processo de alfabetização e letramento de alunos em faixa etária superior ao período da alfabetização nas séries de base, e que, por estarem no segundo segmento do Ensino Fundamental, foram incluídos num projeto cujo intuito é o reforço escolar, para que tais alunos diminuam a defasagem em seu processo de aprendizagem. Alinha-se a tal objetivo a inclusão de tecnologias utilizadas pelos jovens, como um auxílio

nesse processo, principalmente no letramento e na alfabetização, posto que aproxima a escola, em sua proposta pedagógica, da realidade dos discentes, vivenciada fora do espaço escolar e a qual, neste caso, está relacionada às práticas antirracistas.

É importante que o meio histórico e social no qual o aluno está inserido seja sensível à escola, visto que a instituição tem a missão de prepará-lo para os desafios que a vida apresenta. De acordo com Sabini (1986, p. 21), “por mais rica que a experiência escolar seja”, ela não corresponderá a todas as situações às quais o aluno está exposto fora dela, portanto é fundamental que no ambiente escolar as oportunidades de aprendizagem sejam mais dinâmicas e diversificadas e promovam o crescimento tanto cognitivo quanto emocional do aprendente.

Em relação aos textos trabalhados no ambiente escolar, a equipe pedagógica precisa estabelecer a multiculturalidade. O professor, enquanto mediador na construção do conhecimento, precisa se reconhecer como parte do processo de desenvolvimento do aluno e se colocar como mediador também na inclusão escolar, de forma que a diversidade seja entendida como suporte à prática docente, posto que o respeito e a valorização aos diferentes favorece a harmonia e o consequente aprimoramento individual e coletivo da comunidade escolar, fatores inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. Portanto, o professor, utilizando na sala de aulas as diferentes manifestações culturais, promove a valorização da diversidade cultural existente e, aos poucos, estabelece um diálogo antirracista junto à comunidade escolar.

Quanto à tecnologia, entende-se que a escola pública precisa se tornar mais dinâmica, a fim de que seja mais atraente aos jovens e, principalmente, cumpra sua missão, que é prepará-los de forma a compartilhar o que aprendem, como sujeitos de sua própria história. Por reconhecer que as tecnologias fazem parte dos hábitos sociais, por estarem presentes no cotidiano dos alunos, permitindo que os aprendentes se relacionem com as informações de diversas maneiras, entende-se que a ausência dessas ferramentas constitui um desafio ao atual modelo de educação. Assim, é importante tanto que a escola acompanhe a evolução social quanto que os educadores estejam capacitados para atuar de acordo com as demandas tecnológicas do século XXI.

Em consonância com tais pressupostos, este artigo analisa um relato de caso experienciado com uma turma do projeto *Travessia*, cujos alunos têm entre 11 e 16 anos, os quais, ainda que na faixa etária do Ensino Fundamental II e, portanto, fora da faixa etária dos alunos do PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos), não se encontravam devidamente alfabetizados. Naquele contexto, levantou-se o questionamento a respeito de como trabalhar a alfabetização de maneira mais inclusiva e atraente junto aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, em turmas de recomposição de escolaridade, e, como provável resposta,

percebeu-se que o investimento em ferramentas tecnológicas em projetos paralelos ao conteúdo escolar é um fator crucial para motivar e incluir os alunos da era digital.

O objeto deste artigo é essencialmente contribuir, através do compartilhamento do relato de experiência proporcionado por ocasião da realização da pesquisa, para o aprimoramento do processo de letramento e alfabetização de crianças e adolescentes que cursam o segundo segmento do Ensino Fundamental, os quais se encontram sem condições de dar continuidade a seus estudos conforme o esperado para essa fase escolar.

## **2. Metodologia**

A metodologia adotada neste trabalho envolveu a pesquisa bibliográfica e o relato de caso, cumprindo rigorosamente os requisitos previstos na legislação, por envolver alunos, seus responsáveis e terceiros que fizeram parte direta ou indiretamente da pesquisa.

## **Inclusão**

Quando se aborda a temática da inclusão, as leis são direcionadas a indivíduos com necessidades especiais de aprendizado. No que tange a este estudo, trata-se de inclusão em sentido mais amplo. Anseia-se por ter em classes regulares alunos com déficit de aprendizagem por algum tipo de deficiência, o que atualmente ocorre em turmas regulares, mas também por inserir a multiculturalidade constituinte do povo brasileiro. Neste sentido, Silva e Carvalho (2017, p. 294) afirmam que a inclusão “pode ser vista também como um fator de coesão, que deve levar em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, sendo o respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos um princípio fundamental das práticas educativas”. Assim, é possível expandir o termo “inclusão” para a diversidade cultural, para além da inclusão de alunos com necessidades especiais de aprendizagem.

## **Um olhar inclusivo sobre a diversidade**

Inserir a diversidade cultural, quando se remete ao letramento e à alfabetização, é trazer à discussão temas que envolvem segmentos como a educação, as políticas públicas e os conceitos enraizados. De modo que a discussão de tais abordagens devem ser repassada aos alunos, a fim de que se busque conscientizar a comunidade escolar acerca da importância de nossas raízes culturais. Como afirma Nascimento (2016, p. 4):

Frente à diversidade cultural, política e subjetiva que cada aluno traz consigo, num cenário em que os professores também carregam concepções enraizadas, ao pedagogo compete abrir caminhos para que essas diversidades sejam

expostas ao mundo como processos conscientes e como elementos constituintes do ser, os quais não podem ser descartados nas relações humanas.

Faz-se necessário, portanto, compilar o conhecimento e a riqueza cultural em uma perspectiva mais ampla, em especial na alfabetização, quando são lançadas as bases pelas quais os alunos irão trilhar um caminho profissional futuramente. A interação e a inclusão fazem parte de um esforço conjunto entre iniciativas públicas e privadas, em favor de comunidades que são desfavorecidas socialmente e de onde os alunos que estão inseridos no projeto em questão são oriundos.

### **Os desafios da inclusão**

Importante mencionar que a exclusão social se constitui numa realidade no que concerne a alguns segmentos da sociedade. Em particular no Brasil, há dois grupos em específico que sofreram mais com o processo de marginalização que teve seu início na colonização: povos indígenas e povos de origem africana. Entretanto, existe uma tentativa de resgate histórico que vem sendo trabalhada dentro do contexto da educação, como pontua Borges (2015, p. 1):

Há uma década estamos vivenciamos um momento em que a educação brasileira busca valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo afrodescendente e indígena, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica e superior amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

Diante da iniciativa de valorização da história de grupos que há muito tempo são marginalizados, reconhece-se que as culturas de tais grupos são de extrema relevância para a história e a formação do povo brasileiro. Dessa forma, é importante firmar parcerias, como no caso do Projeto Travessia, que venham agregar com as escolas públicas, por intermédio de recursos e de promoção de meios tecnológicos e pedagógicos, para que os professores possam oportunizar aos seus alunos instrumentos com o intuito de ampliar o desenvolvimento educacional.

### **O Projeto Travessia**

Os desafios que as escolas enfrentam no seu dia a dia estão relacionados à realidade da comunidade atendida. Isso equivale dizer que os educadores, pedagogos e gestores precisam estar sensíveis tanto ao entorno das instituições de ensino quanto às dificuldades e às demandas

que fazem parte da vida dos alunos e suas famílias. De acordo com Silva e Carvalho (2017, p. 301):

Para efetivação do processo de inclusão escolar, não se deve apenas pensar nos recursos e estratégias a serem utilizados, é necessário ter um olhar mais amplo, um olhar para a estrutura externa do ambiente educacional, como também para o interior da instituição, observando a forma como este aluno chega à escola e como este adentra o prédio.

A diversidade percebida nas comunidades no entorno das escolas envolve circunstâncias e problemas sociais que não devem ser ignorados. Como pontua Nascimento (2016, p. 4): “trabalhar a diversidade significa enfrentar o desafio da diferença e da interação entre as culturas, permitindo a afirmação da identidade dos grupos étnico/raciais que fazem parte da sociedade brasileira”. Sendo assim, é relevante que dentro dos conteúdos esteja presente a inserção de acontecimentos, fatos e personalidades que ajudam a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

### **Preliminar de campo**

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro, localizada em um bairro da zona norte, Jardim América. A escolha da escola para realização da pesquisa foi motivada pelo carinho e pela admiração que uma das pesquisadoras, e também professora da unidade escolar desde 2018, sente em relação àquela comunidade e às práticas antirracistas – já desenvolvidas e fomentadas na escola em questão.

A primeira etapa deste estudo se deu através de entrevistas com três professores de formações e atuações distintas, a fim de enriquecer ainda mais a pesquisa, por meio de olhares diversos, sensíveis e pontuais para cada questão apresentada. As entrevistas concretizaram-se através de três encontros, realizados em abril de 2022: um presencial e dois virtuais. Os profissionais ouvidos atuam em diferentes segmentos de ensino no município do Rio de Janeiro, não apenas com crianças e jovens, mas também com a formação de docentes.

O primeiro encontro foi por ligação telefônica com um professor universitário, na faixa etária entre os 40 e 50 anos, doutorando pela PPFH/UERJ, mestre pela NUTES/UFRJ, com especialização pela UCAM e atuação de mais de 20 anos em diferentes segmentos educacionais. A segunda entrevista foi por chamada de vídeo com uma pedagoga e empreendedora, na faixa etária entre os 30 e 40 anos, mestranda, que atua em espaço próprio, mediando aprendizagem e promovendo reforço escolar. A terceira entrevista ocorreu presencialmente na escola na qual o projeto se realiza, com um professor de ciências, de 52 anos, graduado pela UERJ, cuja atuação se desenvolve com jovens pertencentes ao segundo

segmento do Ensino Fundamental. Além disso, ocorreu também um encontro com um escritor cujo livro, rico em ilustrações e textos simples, colaborou, através de tais elementos facilitadores, para o debate sobre o contexto histórico e social.

### **Achados**

Tais preliminares de campo foram essenciais para o desenvolvimento de novas metodologias voltadas às práticas de alfabetização e letramento antirracistas no segundo segmento do Ensino Fundamental, haja vista que propiciaram a construção de práticas mais colaborativas, além de contribuir para que as pesquisadoras compreendessem a importância tanto do protagonismo juvenil quanto da interação entre os alunos.

O protagonismo juvenil é um ponto importante a ser destacado, uma vez que o trabalho pedagógico muitas vezes inclui tarefas desenvolvidas e realizadas de forma colaborativa no ambiente de sala de aula. Percebeu-se que o aluno pode ser protagonista nas ações didáticas, através da responsabilidade delegada a ele, o que colabora para a melhora de seu processo de ensino-aprendizagem, mediante a interação com os demais colegas de turma.

### **Relato de Caso**

O presente relato baseia-se na descrição reflexiva dos desdobramentos vivenciados em uma escola municipal do Rio de Janeiro, com uma turma constituída por alunos que concluiriam o Ensino Fundamental I em meio à pandemia de COVID-19, mas que não tinham seu processo de alfabetização e letramento concretizados. O Projeto Travessia fora pensado apenas para o ano de 2022, a fim de solucionar, na medida do possível, tal distorção. A experiência consolidou-se nos 2º e 3º bimestres do ano letivo mencionado.

Destacamos a postura da gestão da escola em questão, que esteve sempre em consonância com ações positivas voltadas à alfabetização e ao letramento, fornecendo todo o aparato necessário aos professores, a fim de incentivá-los a melhorar o desempenho dos alunos. Para Soares (2000 *apud* Galvão, 2018, p. 2):

Alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada saber ler e escrever. Uma criança letrada tem o hábito, as habilidades, o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos.

Naquele contexto, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ manteve um olhar sensível e atento aos alunos que não tiveram acesso ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, conseqüentemente, não consolidaram seu processo de alfabetização e letramento de forma satisfatória. Posto isso, foi criado, no ano de 2022, dentro da CEF – Coordenadoria do Ensino Fundamental –, o Projeto Travessia, cujo objetivo era auxiliar os alunos com defasagem na alfabetização, em conformidade com Soares (2003, p. 2), para a qual “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”, o que o faz ser coautor de seu processo de aprendizagem.

A alfabetização demanda um processo sistemático, metodológico, intencional e planejado, além de permanente, que se estende para toda a vida do educando, e a escola é o espaço social encarregado de promover esse processo com eficiência e afetividade. A escola deve propiciar ao professor a autonomia necessária para desenvolver ações favoráveis ao atendimento das demandas individualizadas da educação, com critérios específicos, que minimizem a deficiência de aprendizagem resultante do processo de alfabetização e letramento ineficiente.

Preocupada com a recomposição da aprendizagem dos alunos com defasagens, a unidade escolar na qual se desenvolveu a pesquisa investiu em recursos, como ferramentas tecnológicas e formação continuada – tanto na área da alfabetização quanto na área das tecnologias educacionais –, ampliando as possibilidades metodológicas dos docentes no que diz respeito à atuação com o grupo em questão, o que permitiu aumentar a eficácia da mediação tecnológica, principalmente nos casos dos discentes que tiveram dificuldades de acesso durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

O planejamento é a ferramenta essencial que norteia o processo de ensino aprendizagem, porque direciona as ações do professor, a fim de propiciar as possibilidades de sucesso com os objetivos traçados. Ao traçar o planejamento, coloca-se em prática a ação que se tem em mente, através das estratégias. Assim, consegue-se, por fim, mediar o processo de ensino aprendizagem. Para Libâneo (1995, p.221), “O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”, o que reverbera nos resultados esperados no desempenho dos alunos.

Todo professor é potencialmente um mediador, ou seja, o papel desse está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento do aluno. Portanto, a assertividade no planejamento proporciona uma objetividade maior e o sucesso no que se deseja alcançar.



Algumas ferramentas digitais foram utilizadas para promover as atividades nas oficinas de letramento e alfabetização, como *YouTube*, *CapCut* (para edição de vídeos autorais) e um alfabetário digital antirracista, elaborado pelos próprios discentes, através de pesquisas biográficas sobre personalidades negras. Além disso, durante o processo, os alunos se empenharam em aprender a utilizar leitores de *QR Code*, com vistas ao compartilhamento das ideias desenvolvidas. Ao utilizar a ludicidade e promover a colaboração e a criatividade desses alunos, os docentes propiciaram um ambiente facilitador na recomposição da aprendizagem dos jovens, que vivenciaram novas experiências na sala de aula e puderam interagir e realizar a autoaprendizagem de forma crítica. Conforme Giroto, Poker e Omote (2012, p. 17):

As novas gerações estão crescendo em uma sociedade da informação e os sistemas educacionais precisam se adaptar a essa nova realidade, não podem ficar alheios a tal fato. Os recursos das TIC devem ser amplamente utilizados a favor da educação de todos os alunos, mas notadamente daqueles que apresentam peculiaridades que lhes impedem ou dificultam a aprendizagem por meios convencionais.

Rodas de leitura e/ou conversa fizeram parte do contexto das oficinas pedagógicas, e as discussões objetivando a socialização dos conhecimentos adquiridos nas pesquisas biográficas sobre as personalidades negras escolhidas por cada um foram fundamentais para o bom aproveitamento da proposta. Esses encontros eram usados para trocar informações sobre as personalidades em questão e também para identificar as semelhanças entre elas, além das semelhanças entre suas histórias e as histórias de vida dos alunos, que se colocavam dando exemplos e compartilhando relatos ligados às práticas racistas vivenciadas por eles. No início, os discentes eram bem tímidos, mas aos poucos foram criando coragem e, ao final de cada encontro, praticamente todos já tinham participado. Essa abordagem permitiu o desenvolvimento da oralidade, das emoções e da opinião individual nos alunos, com a compreensão de outras situações pela visão dos colegas.

## **Resultados**

O roteiro analisado cumpriu sua função na percepção e no registro do desenvolvimento dos alunos nas oficinas, como também proporcionou uma ampliação das estratégias, recursos e métodos utilizados, o que permitiu uma reflexão sobre a prática e as próximas ações a serem desenvolvidas.

A estruturação de um mural virtual, por meio da plataforma digital *Padlet*, permitiu que a construção das experiências fosse registrada, o que resultou na confecção de um portfólio coletivo. Assim, a pesquisa atuou como uma orientadora comunicacional e tecnológica, que

incentivou o florescer de outras formas de expressão, interação e troca de linguagens, conteúdos e tecnologias. Logo, podemos afirmar que os alunos aprendem também pelo estímulo, pela motivação de pessoas ou situações que transmitem credibilidade e que facilitam a comunicação e a disposição para a troca de experiências.

As rodas de conversa e/ou leitura sobre o livro *Da Minha Janela*, do autor Otávio Júnior, ampliaram as discussões acerca da temática, através do contexto social relatado no livro, que, através de palavras simples, aproxima a leitura da realidade, por meio da qual os alunos puderam olhar para si e para o outro, além de compartilharem suas experiências e impressões sobre questões relativas ao seu convívio diário no local onde residem. Além disso, o caráter interdisciplinar das oficinas pedagógicas provocou uma melhora no desempenho dos jovens, principalmente no que se refere às habilidades de leitura e de escrita. Por meio da literatura, eles se apropriaram da escrita correta das palavras e ampliaram seu repertório vocabular, pesquisando os significados de palavras muitas vezes pouco utilizadas no dia a dia.

### **Achados do Relato de Experiência**

A partir da leitura fluante dos Roteiros das Oficinas Pedagógicas Antirracistas e do mural virtual – *Padlet* – e da observação sistemática das oficinas, principalmente nos momentos das rodas de conversa, foi possível enumerar alguns achados que foram fundamentais na construção da análise dos resultados deste Relato de Experiência. São eles: i) As oficinas pedagógicas antirracistas não são reconhecidas pelos alunos como aula; ii) visão inovadora de uma prática pedagógica permeada por tecnologias digitais; iii) maior adesão e frequência dos alunos nas rodas de conversa; iv) dificuldade de obter sucesso na aprendizagem de todos os alunos; v) prática pedagógica colaborativa entre o professor regente e a professora de sala de leitura; vi) interesse pelas pesquisas relacionadas às práticas antirracistas; vii) valorização da cultura afro-brasileira; viii) uso de sequência didática que viabiliza o processo de alfabetização e letramento; ix) as oficinas pedagógicas instigam os alunos quanto a participação, interesse, autonomia, criatividade, desejo de conhecer e aprender; x) exposição das diferentes opiniões, pontos de vista, emoções, sentimentos e valores dentro de pequenos textos construídos pelos alunos; xi) compartilhamento de experiências nas rodas de conversa, promovendo o respeito pelas opiniões, pontos de vista e valores do outro; xii) garantia de práticas pedagógicas com a utilização de tecnologias digitais; xiii) promoção do protagonismo do aluno por meio do uso de recursos tecnológicos; xiv) narrativas literárias que aproximam a realidade do aluno e as histórias relatadas; xv) alfabetização e letramento tecnológicos a partir da utilização de *QR Codes*, despertando o interesse e um novo olhar dos alunos sobre o

processo de aprendizagem; xvi) formação de palavras a partir da identificação das letras do alfabeto; xvii) busca dos professores por formação continuada e estudo para melhor conhecimento, exploração e aplicação das ferramentas digitais nas práticas inclusivas em sala de aula; xviii) aumento da interação do professor regente com o grupo de alunos de referência; xix) ressignificação do fazer pedagógico, através de ações e atitudes favoráveis à alfabetização e ao letramento dos alunos; xx) importância das múltiplas linguagens no processo de aprendizagem; xxi) o professor como pesquisador em seu campo de atuação.

Percebeu-se que os alunos não reconheciam as oficinas antirracistas como aulas, mas sim como atividades lúdicas com recursos digitais. Em diversos momentos, os aprendentes questionavam quando as palavras seriam escritas no quadro para que fossem copiadas por eles e se fariam tarefas ou se naquele dia as atividades seriam livres. O estranhamento quanto à proposta apresentada, por mais que os alunos se envolvessem, é compreensível, considerando que, a construção de um conhecimento sobre a grandeza dos movimentos de resistência negra esclarecedores e de indicadores de uma justiça racial, contribuindo assim para a formação da consciência crítica por parte do educando.

As oficinas pedagógicas propiciaram uma forte participação dos jovens em relação à temática trabalhada, almejando o aprofundamento do conhecimento por meio das pesquisas, que fomentavam a participação, o interesse, a curiosidade, a criatividade, a autonomia e o prazer em aprender. Com o avanço do processo de alfabetização e de letramento, os alunos foram se envolvendo cada vez mais com o tema abordado e se tornaram coautores em seus processos de construção de escrita, fator que contribui para sua inclusão social.

Além disso, à medida que a escrita e as temáticas iam sendo trabalhadas, foi perceptível o aumento do interesse dos alunos em fazer uso das tecnologias digitais, como espaço virtual de entretenimento ou de redes sociais, realizando conexões com as ferramentas tecnológicas e propondo seu uso para mediar outras atividades pedagógicas, para as quais surgiram muitas ideias criativas. Dessa forma, os jovens não só se envolveram nas atividades educacionais propostas, como também utilizaram os recursos digitais de maneira colaborativa, reforçando a construção dos saberes, já que esse tipo de abordagem era inovador e diferente das práticas pedagógicas já desenvolvidas com eles.

Nos dias em que não ocorriam as oficinas, os alunos queriam trazer elementos daquela proposta para as demais aulas, como a roda de conversa, leitura de um livro, pesquisa no buscador de informações *on-line* (*Google*) e atividades artísticas. Foi assim que identificamos que aquela metodologia podia colaborar para o planejamento das aulas seguintes e representava momentos de trocas de experiências que lançavam luz em alguns dos desafios com os quais a

escola precisa lidar, visto que as ações realizadas propiciaram o desvelamento de determinadas realidades sociais, até então negligenciadas.

Segundo Candau (1999), essa transformação necessita da promoção de uma educação articulada a uma promoção mais ampla da sociedade, que seja um espaço formador de sujeitos que exerçam a sua cidadania conscientemente, e para tal exige uma prática educativa participativa e dialógica. Sendo assim, este trabalho leva em consideração as problemáticas históricas e culturais de nossa sociedade, porque nós realizamos constantemente, através de nossas relações, produção de conhecimento e de sentido.

Sobre as múltiplas linguagens e tecnologias digitais no processo de recomposição da aprendizagem, percebemos que a utilização de recursos tecnológicos variados para trabalhar o letramento e a alfabetização na promoção de conceitos antirracistas favorece a construção de uma sociedade com menos preconceito, requisito fundamental para alcançar o objetivo desta pesquisa. Segundo Moran (2018, p. 43):

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

No que se refere às trilhas do conhecimento e às múltiplas formas de oportunizar aos alunos o envolvimento nas atividades de leitura e escrita, diversas estratégias foram usadas, como a inserção de textos escritos, digitais e orais. Os jovens realizam sua leitura de mundo através do que veem e das histórias que lhes são contadas. Assim, eles precisam ser estimulados e alimentados com prazer que lhes permita compreender melhor o mundo (Vieira, 2015). Além disso, com vistas a beneficiar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, de acordo com Silva (2002), o emprego das tecnologias educacionais na grade curricular, ainda na fase de alfabetização, é de suma importância, haja vista que tal inserção tende a tornar a aprendizagem mais atrativa, com práticas estimulantes e significativas, e o consequente aprimoramento do conteúdo aprendido.

A construção do conhecimento de forma autônoma por parte dos discentes, com a elaboração e utilização do alfabetário digital, permitiu-nos inferir que o envolvimento dos alunos nas propostas trabalhadas os levou a relacionar os conhecimentos construídos nas oficinas com suas práticas sociais. Depois dos avanços das propostas pedagógicas de alfabetização e de letramento mediadas por práticas antirracistas, os alunos passaram a fazer questionamentos entre si sobre respeito, valores, amizade, entre outros temas socialmente

pertinentes. Assim, com a ação colaborativa, realizaram-se as práticas de alfabetização e de letramento, mediadas pelo professor e pelos próprios aprendentes.

A necessidade de formação continuada na área das tecnologias digitais é latente, e já vinha sendo discutida em diversos espaços antes mesmo da pandemia, ainda que essa discussão tenha se expandido e se intensificado após esse período. Conforme indicado por Almeida (2000), a preparação dos educadores, no que concerne ao uso das tecnologias, colabora com a formação do aluno que, por sua condição socioeconômica, por vezes não tem familiaridade com os recursos tecnológicos digitais. Entretanto, para que o professor se aproxime de práticas educacionais que envolvam o uso de ferramentas tecnológicas, há a necessidade de investimentos em recursos e infraestrutura nas escolas, com a aquisição de equipamentos como *notebooks*, *smart TVs*, projetores, roteadores de sinal de rede *wi-fi*, etc. A ausência do mínimo necessário compromete o desenvolvimento dessa competência metodológica.

Entendendo a formação como um movimento contínuo e inacabado, a recíproca do aprender ensinando e ensinar enquanto aprende, longe de ser uma incoerência, é oportuna e verídica. A aquisição de conhecimento sobre o uso das tecnologias digitais, através da formação continuada, nesse sentido, pode transformar o docente em orientador de uma aprendizagem mais significativa para os discentes.

O uso de múltiplas linguagens através das oficinas, por intermédio de recursos digitais e de literatura infanto-juvenil como alicerces, serviu para endossar uma prática pedagógica dialógica centrada no sujeito da aprendizagem.

#### **4. Considerações finais**

A instituição escolar precisa refletir sobre a melhor forma de estabelecer a construção de novos saberes, buscando adaptações de materiais e metodologias que possam auxiliar no acesso aos conteúdos pelos alunos que chegam aos anos finais do Ensino Fundamental com seu processo de alfabetização e letramento comprometido, e a realização desta pesquisa forneceu uma visão mais assertiva acerca da inserção de novas formas e estratégias pedagógicas, capazes de garantir ao discente o direito de acesso ao conhecimento, de acordo com suas reais necessidades, em especial quanto à escolarização dos alunos que foram fortemente atingidos pela pandemia de COVID-19 e tiveram seu processo de alfabetização e letramento comprometidos.

Consolidando-se a tomada de consciência sobre a realidade imposta pelo cenário emergente, verificou-se que o espaço escolar pode se tornar mais eficaz na oferta de ensino através das ferramentas digitais. Além de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais

atrativo, divertido e, conseqüentemente, menos cansativo, despertando o interesse dos alunos, a estratégia de utilização das ferramentas tecnológicas com oficinas pedagógicas contribuiu para que a mediação professor-aluno fosse mais significativa. As soluções encontradas para o problema de pesquisa em questão conectaram-se com as necessidades tanto do atendimento inclusivo do público-alvo quanto da criação de um instrumento de apoio pedagógico para uma classe regular de ensino.

Através deste estudo, evidenciou-se que é possível devolver à sociedade um pouco do que é desenvolvido em pesquisa, no caso, através da elaboração de atividades com o objetivo de recompor o processo de ensino-aprendizagem de jovens que apresentam lacunas na alfabetização. Considera-se que a pesquisa realizada influenciou positivamente a prática profissional docente das pesquisadoras, e que o relato compartilhado neste artigo pode contribuir para o aprimoramento do fazer pedagógico de outros professores e para a elaboração de novas práticas pedagógicas inclusivas.

## Referências

- Almeida, M. E. B. (2000). ProInfo: Informática e Formação de Professores. vol. 2 *Série de Estudos Educação a Distância* Brasília: Ministério da Educação, Seed.
- Borges, E. M. F. (2015). Inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica e Superior: momento histórico ímpar. *Facmais*.
- Candau, Vera Maria (Org.). (2003). *Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Galvão, É. R. S. (2018). A importância da alfabetização aliada ao letramento para promover a aquisição do sistema de escrita alfabética. In: V Congresso Nacional de Educação (V CONEDU), 2018, Olinda. *Anais V CONEDU*. Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora.
- Galvão, É. R. S. (2018). A importância da alfabetização aliada ao letramento para promover a aquisição do sistema de escrita alfabética. *Anais V CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45861>
- Giroto, C. R. M., Poker, R. B., & Omote, S. (org.). (2012). *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas – Marília*. Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Libâneo, J. C. (2007). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 5a. ed. São Paulo: Cortez.
- Moran, J. M. (2000). *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 6a. ed. Campinas: Papirus.
- Nascimento, A. C. A. (2016). *Objetos de aprendizagem: entre a promessa e a realizada*.

Silva, N. C., & Carvalho, B. G. E. (2017). Compreendendo o processo de Inclusão no Brasil na perspectiva dos professores: uma revisão integrativa. *Rev. Bras. Ed. Esp.* 23(2)  
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/5QWT88nTKPL4VMLSGRG7dSM/?format=pdf&lang=pt>

Soares, M. (2000). *Letramento: um tema em três gêneros*. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Soares, M. (2003, 29 de agosto). O que é letramento. *Diário do Grande ABC*, p. 3.

Soares, M. (2002). Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, 23(81), 143-160. <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>